

# MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

## O MIGRANTE

Teresinha Bernardo\*

A memória de diferentes grupos sociais constitui um bem cujo valor é inestimável, principalmente diante do atual processo de globalização que se vive e que, para alguns estudiosos, possui o significado da homogeneização: anulam-se as diferenças mas permanecem as desigualdades.

No entanto, os pesquisadores da cultura sabem que, nesses processos interativos, as produções humanas - fruto de determinadas relações sociais - longe de desaparecerem, florescem com toda a sua força. Em outras palavras, refiro-me aqui ao trabalho, aos hábitos alimentares, à religião com os seus ritos e mitos, às histórias que são transmitidas de geração em geração (se bem que modificadas), às danças, às músicas, às maneiras de expressar a amizade, o amor, a raiva, a dor. Essas expressões culturais, quando analisadas pelo viés da memória, desnudam o cotidiano dos diferentes grupos de convívio que os indivíduos participaram no passado e vivem no presente.

É nesta perspectiva que a memória é um recurso excelente de resistência, pois permite, talvez melhor que qualquer outro meio, não somente lidar com a dimensão objetiva dos fatos vividos mas também com o lado subjetivo dos indivíduos que constituem os diferentes grupos sociais.

O estudo da memória pode possibilitar ainda muito mais, à medida que permite descortinar situações conflituosas, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e pro-

cessos como o de construção de identidades. Ou seja, a memorização possibilita reconstruir identidades tanto individuais quanto coletivas dos diferentes grupos sociais. Esse processo possui um movimento que é próprio do seu tempo. Temporalidade essa que se caracteriza pela reversibilidade, mais precisamente, um movimento marcado pela saída do presente, ida ao passado e retorno ao presente.

Esse movimento da memória é análogo ao do migrante: este sai da terra de origem, vem para a cidade, no caso São Paulo, e regressa à terra natal. A expectativa de retorno parece invadir a maior parte dos migrantes que aqui aportaram. A volta às origens ocorre por meio de dois movimentos. O primeiro dá-se no plano do real - retorna-se à terra natal nem que seja por alguns dias - a saudade como fruto da memória faz com que a volta ocorra na realidade. O segundo ocorre no plano das lembranças: regressa-se à terra onde nasceu às vezes conscientemente, às vezes inconscientemente. No primeiro caso, afloram as lembranças porque o indivíduo ou grupo quer lembrar; no último, sonha-se com a terra natal, que também é lembrança.

Assim, na memória do migrante detectam-se elementos que significam resistência. Resistência porque de uma maneira ou de outra ele sempre retorna. Isso ocorre porque o migrante não saiu de sua terra natal movido pelos seus próprios desejos, mas, ao contrário, foi obrigado a abandonar a terra onde nasceu, onde vivem seus

entes queridos, onde estão enterrados os seus antepassados, onde ele pensava em ter continuidade gerando seus próprios filhos, onde ele constituiu a sua identidade, onde ele tinha raiz.

Assim, o migrante, ao voltar, ao lembrar, ao sonhar, resiste. Segundo Claudelir Clemente, essa resistência expressa-se, por exemplo, nas lembranças "dos folguedos de São João, no qual as chamas das fogueiras esquentam e aproximam os corpos que os fazem sentirem-se vivos". Essas reminiscências emergem no momento em que o migrante "depara com a iluminação pomposa dos arranha-céus...". (Clemente, 1998: 89)

Assim, percebe-se que a lembrança está diretamente referida ao presente. Mas o migrante rememora muito mais. No presente, ao lembrar do sabor da comida do passado lembra-se também de sua mãe. E a mulher-migrante percebe que hoje também é mãe e cozinha para seus filhos os alimentos que saboreava na sua infância e na adolescência. E assim resiste. Por meio de receitas caseiras, que na maioria das vezes foram transmitidas pela oralidade, cozinha aqui o que saboreava lá. E dessa forma não somente traz para o presente o seu passado como enriquece a cultura paulista com o aroma e o sabor dos pratos de sua terra de origem.

No entanto, a comida não tem só sabor, ela também tem aroma. Pelo cheiro que a comida exala, homens e mulheres migrantes retornam para os seus locais de origem, por meio da "memória

involuntária”, tão bem definida por Proust (Proust, s/d). Relembra o trabalho, a família, os amigos, deixados em um passado recente ou distante em algum lugar da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Ceará, Piauí...

Esse passado é então confrontado com o presente. Mesmo quando a situação atual apresenta-se favorável, o migrante jamais esquece a sua raiz. Tanto isso é verdade que não é raro o migrante, sempre que pode, utilizar-se do telefone para saber as notícias da terra natal. A ansiedade é tanta que a carta não satisfaz. É no presente imediato que ele quer respostas.

Apesar disso, a troca de cartas entre os migrantes e o “povo que ficou lá” é um fato recorrente. Desta forma, tem-se o “documento” que atesta a importância da terra natal para quem foi obrigado a deixá-la.

O significado dessa terra também transparece quando os migrantes encontram alguém que escute suas histórias. Nesse momento transformam-se em verdadeiros narradores, inclusive porque preenchem os requisitos básicos que Benjamin aponta para a arte de narrar. “Quem viaja tem muito que contar, diz o povo e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe” (Benjamin, 1985: 198). Benjamin também considera o trabalhador sedentário como um bom narrador. E o migrante parece reunir essas duas características: vem de longe e torna-se um trabalhador sedentário na Metrópole. Assim, ele conta, como ninguém, histórias da seca, dos milagres, das festas e do trabalho anterior.

Percebe-se desta forma que o olhar migrante vive no presente, na metrópole paulista. É nela que ele acorda, ama, trabalha, passeia, odeia. Mas este olhar acompanha a sua memória, que se volta para o passado no presente. E nas lembranças da família o migrante encontra o aconchego e o afeto que fazem com que ele resista na vida metropolitana. Na verdade, o migrante traz do passado e da terra natal a energia que, transformada em força, faz com que ele enfrente o presente metropolitano, repleto de discriminação na maioria dos casos.

Ao olhar o passado no presente, trava-se um conflito na memória do

migrante: de um lado ele recorda que, no passado, apesar de ter sido obrigado a abandonar a terra onde nasceu, sempre foi brasileiro. No presente, na Metrópole paulista, ele é o “baiano”. Mais precisamente, transformaram-no em estrangeiro.

O “baiano”, ao sentir a discriminação, a exclusão, encontra mais uma razão para criar aqui, com os recursos que a memória oferece, espaços repletos de baianidade, ou como diz corretamente Claudelir Clemente, de nordestinidade. Desta forma, na Metrópole paulista encontram-se pedaços da Bahia, de Pernambuco, do Ceará, do Maranhão, de Alagoas, do Brasil.

A música e a dança, resgatadas pela memória auditiva e gestual, também permitem o retorno ao passado no presente. Aqui são os sentimentos de alegria e de prazer que invadem o migrante. São os desejos que fluem fazendo com que ocorra o encontro dos amigos e dos afetos. A música e a dança, apesar de fugazes, permitem perceber que o que foi pode voltar. Na verdade, a música e a dança possibilitam o mesmo movimento de volta ao passado proporcionado pelo sabor e pelo aroma da comida.

No entanto, o encontro com os amigos não ocorre somente por meio da música e da dança, pois é um fato recorrente. Existem em São Paulo redes de solidariedade intensa entre os migrantes, embora sem visibilidade para a sociedade englobante. Na verdade, essas redes parecem movimentar-se no subterrâneo, mas são tecidas com fios suficientemente firmes, que tornam quase impossível sua ruptura.

O passado migrante retorna também por meio dos chás, das garrafadas, da arte de benzer e de curar. Ao benzer, o migrante reza e, assim, pela lembrança da força mágica das palavras e dos gestos, o passado encontra o presente.

No entanto, é na umbanda que se percebe o poder da memória e da criação do migrante com toda a sua intensidade. Na verdade, a dor e a angústia do migrante de ter sido banido do lugar onde nasceu e de ser discriminado nas terras paulistas onde trabalha faz com que ele, por meio da memória e do imaginário, crie na

umbanda o seu duplo - o “baiano” - entidade dessa expressão religiosa.

Surpreende perceber que a entidade “baiano” é uma expressão exclusiva da umbanda paulista, não existindo em outros estados brasileiros. Na verdade, o “baiano” representa o migrante, seja ele pernambucano, alagoano, cearense; portanto, discriminado.

É ao “baiano” que o migrante vai contar a sua dor, os seus problemas, a sua angústia. O baiano sabe e entende como ninguém os seus problemas. O “baiano” é o migrante. Ao criar na umbanda o seu duplo, o migrante expressa a discriminação sofrida e internalizada.

Mas ao mesmo tempo, pode-se interpretar o “baiano”-entidade como um enfrentamento, uma resposta à discriminação. Se por um lado o “baiano”-entidade representa o migrante, por outro ele também tem um aspecto divino que está acima das discriminações terrenas. Vive no sobrenatural e, no imaginário, simboliza o homem forte, corajoso, tenaz, qualidades importantes para o masculino.

Assim, pelo trabalho das lembranças, reconstrói-se aqui o que se deixou lá. A análise da memória permite captar não só as lembranças, o imaginário, mas também as reconstruções reais. É nesta perspectiva que a memória significa resistência. E por isso os processos de homogeneização estão longe de ocorrerem no caso dos migrantes. Assim, enquanto existir esse grupo social na metrópole existirá a sua memória, expressa no trabalho, na música, na dança, na comida e na arte de benzer e de curar.

**\*Teresinha Bernardo é Prof<sup>ª</sup> Dra. do Dpto. de Antropologia e do Curso de Pós-Graduação PUC/SP.**

## BIBLIOGRAFIA

- CLEMENTE, Claudelir  
(1998) *Apreciando o Movimento*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, PUC/SP, p. 89.
- PROUST, Marcel  
(s/d) *O Tempo Redescoberto*. 10<sup>ª</sup> ed., São Paulo, Globo.
- BENJAMIN, Walter  
(1985) *Magia e Técnica, Arte e Política*. 4<sup>ª</sup> ed., São Paulo, Brasiliense, p. 198.